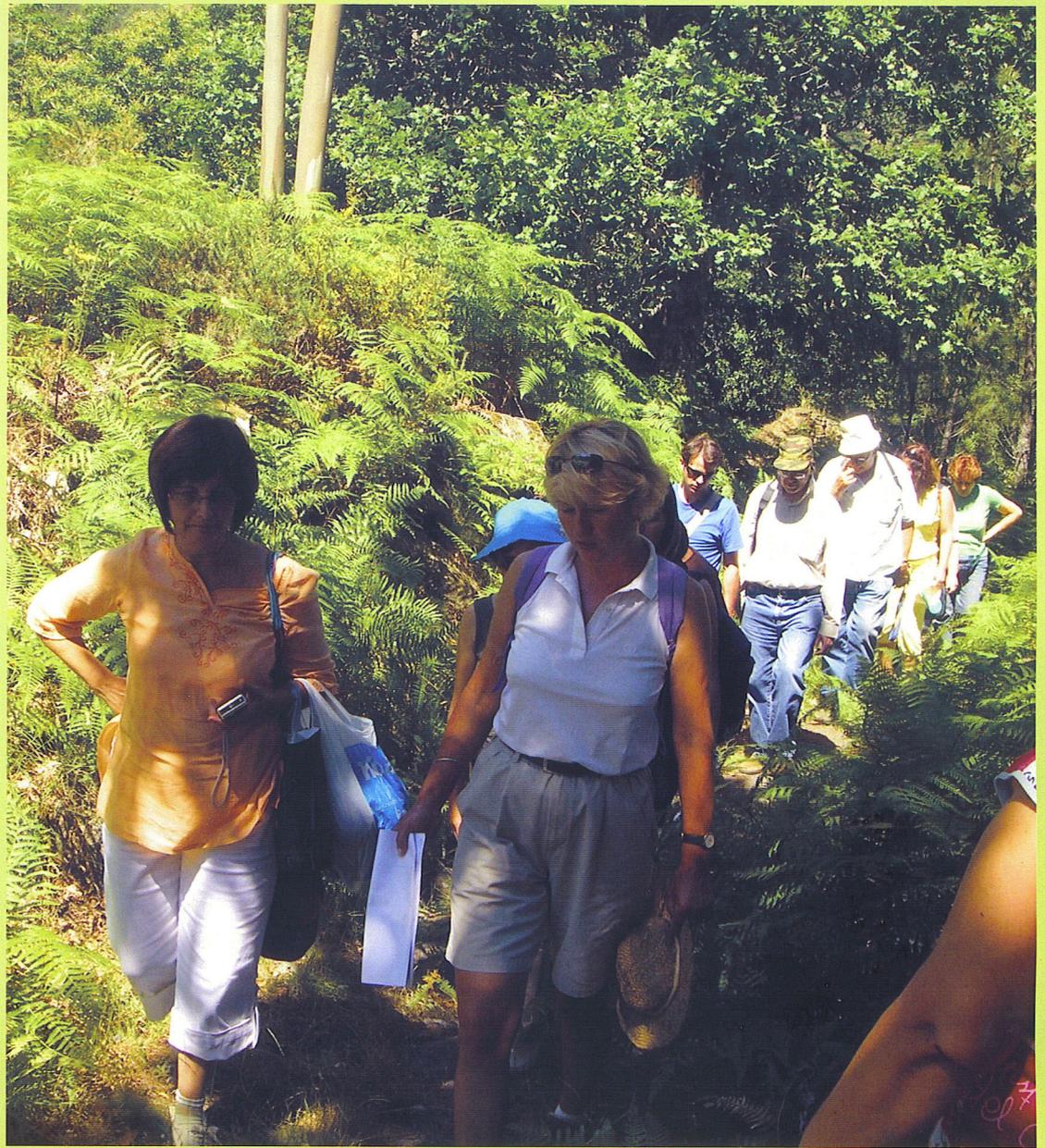


Propriedade e Edição: Al-Baiáz - Redacção: Élio Marques e Paulo Laranjeira - Grafismo:
Paula Cassiano - Fotografia: Elsa Giga - Tiragem 200 exemplares
Impressão: Gráfica Abreu & Simões, Lda - ISBN 989-20-0475-2



Boletim informativo

Nº 5 - Setembro de 2007 - Publicação trimestral e distribuição gratuita

Al-Baiáz

Associação
de Defesa
do Património

Fundada em
26 de Março de 1997

Azereiro

*Percurso 5 -
Castanheira de Pêra*

FÁBRICA V. FINO
Pequenos retalhos do seu passado

Pág. 2

Pág. 3/4



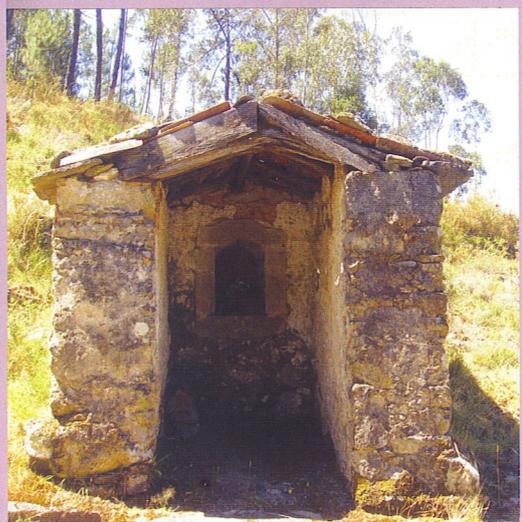
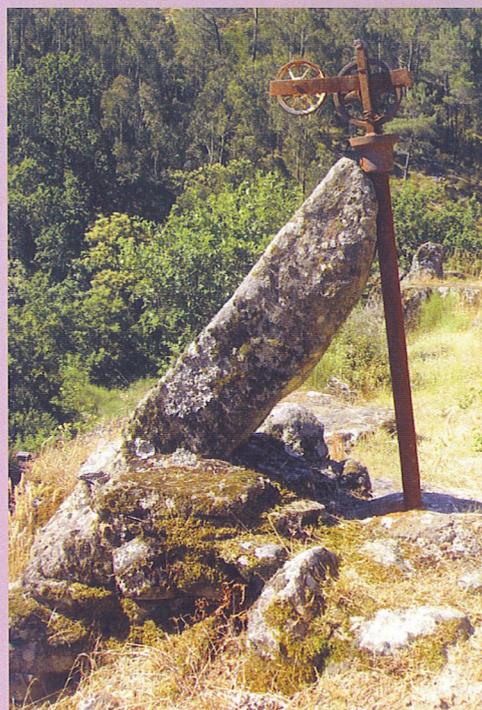
Em 14 de Julho foi realizado no Coentral, concelho de Castanheira de Pera, o 5º percurso pedestre de 2007, e com ele foi encerrada a campanha deste ano.

A concentração foi, pelas 09h.00m, próximo da Câmara Municipal, em pleno centro desta linda vila de Castanheira de Pera. De seguida o autocarro da Câmara levou os caminheiros até ao Coentral, sede de freguesia.

O Coentral é freguesia desde 1691 e pertenceu ao concelho de Pedrógão Grande. Com a criação do concelho de Castanheira de Pera, em 1914, foi integrada neste Concelho. Esta localidade fica situada no sopé da Serra da Lousã.

Na chegada ao Coentral, os visitantes tiveram uma interessante surpresa, o Rancho Folclórico os "Neveiros do Coentral" estava a fazer uma actuação para gravação do seu reportório em DVD. Desta forma, todos puderam tomar contacto com a cultura e a tradição deste povo serrano.

Este percurso foi realizado nas margens da Ribeira de Pera, atravessando outras ribeiras afluentes como a Ribeira das Quelhas e a Ribeira das Quebradas sob frondosos carvalhos



alvarinhos e castanheiros seculares, entre as povoações do Coentral e Sarnadas. Nas áreas mais húmidas deste percurso puderam observar-se variadíssimos fetos, entre eles o Feto Real. No final do percurso visitamos as ruas do Coentral, onde foram observadas alguns lindos edifícios de cariz tradicional, foram visitadas a casa do Bispo, a igreja matriz, dedicada a Nossa Senhora da Nazaré, o museu do Neveiro, na antiga casa do Neveiro-Mor, onde também está instalada a sede da Junta de Freguesia.

Como a hora já ia adiantada e o percurso abriu o apetite, foi servida, na sede da Junta de Freguesia, uma mostra gastronómica onde, entre outras iguarias, não faltou a chanfana. No final foi entregue ao guia destes percursos, Prof. Mário Lousã, uma pequena lembrança em nome da Al-Baiãz.

Cerca das 14h30m o autocarro dirigiu-se para a serra da Lousã onde visitámos os Poços da Neve e capela de Santo António que data de 1697. A visita a este importante património de Castanheira de Pera coincidiu com o encontro dos povos serranos. Lá nos esperava um velho amigo e profundo conhecedor da história e da memória destas terras e suas gentes, Kalidás Barreto, para nos falar sobre a tradição e a história deste local.

Durante o trajecto as pessoas ficaram maravilhadas pelas paisagens deslumbrantes que seus olhos viam.

Os naturais do Coentral ocupavam o seu tempo, durante os Invernos, na recolha e conservação das neves dentro de poços na Serra para posteriormente as fazer chegar a Lisboa, onde serviam para confeccionar deliciosos gelados que eram servidos na Corte e no café Neves, antecessor do Martinho da Arcada.

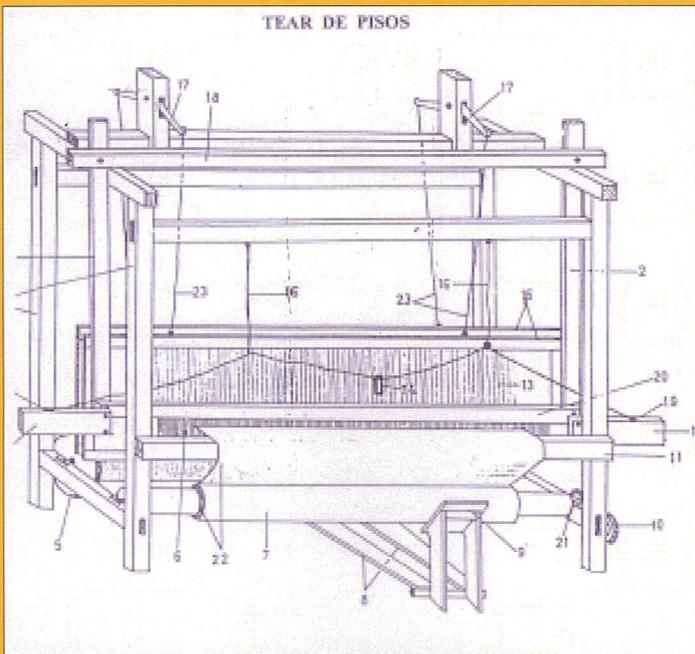
Por volta das 17h.00m regressámos a Castanheira de Pera, apesar do calor que se fez sentir neste dia, era unânime a vontade de voltar, pelo património visitado, quer natural quer cultural, pela gastronomia, pelas paisagens e pelos bons ares respirados. Resta-nos agradecer à Câmara Municipal todo o apoio, nomeadamente o transporte dos participantes desta jornada e à Junta de Freguesia a mostra gastronómica, não esquecendo o apoio e presença do presidente da Junta de Freguesia, Sr. Pedro Graça.

No lugar de Lomba da Casa (Figura 1), concelho de Figueiró dos Vinhos terá começado a germinar, ainda no século XIX, um dos embriões da "indústria" têxtil da região. A existência de abundante matéria-prima fornecida por alguns rebanhos terá impulsionado a génese desta indústria nestas paragens, cujos produtos, muitas vezes fabricados em pequenas oficinas domésticas e com recurso a pequenos teares de



madeira, os chamados teares de lãzinha, permitiam um complemento económico aos poucos rendimentos da tradicional agricultura e eram posteriormente absorvidos pelas feiras do Espinhal, Penela, Figueiró dos Vinhos, Ansião, Cabaços, Freixianda e Tomar.

A primeira geração - De Lomba da casa surgiu uma família pioneira na actividade têxtil da região, a família Moreira. Terá sido Maria do Carmo Godinho a primeira a adquirir, segundo Virgílio Nunes, um tear de pisos (figura 2) nesta localidade, em sociedade com o seu irmão José Duarte Moreira, respectivamente avô materno e tia-avó de Vitorino Fino, o homem que permitiu o crescimento da



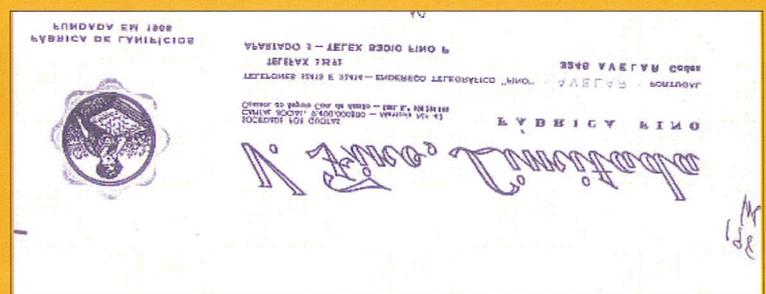
A segunda geração - Nos inícios do século XX, a água deixa de ser um factor vital para a "indústria" têxtil. A localização do Avelar num vale, mais povoado de gentes, mais dinamizado pelos centros de trocas, com melhor localização para o escoamento dos produtos e para a compra de matérias-primas, cada vez necessárias em maior quantidade e melhor qualidade e as taxas camarárias mais reduzidas no concelho de Ansião, concorrem decisivamente para a "deslocalização" das pequenas oficinas têxteis serranas para a vila do Avelar e consequente alteração nos métodos de produção.

António dos Santos Godinho, ex seminarista, homem de postura digna e nível cultural acima da média, numa sociedade rural e em grande parte analfabeta, viu os seus conterrâneos contemporâneos apelidá-lo de António Fino, forma lisonjeira de o diferenciar em relação a outros

indivíduos de apelido idêntico. Esta alcunha transformou-se em apelido de família e este tornou-se o nome da fábrica que, quase 100 anos passados, ainda labora. A partir de 7 Janeiro de 1911, em carta dirigida a um cliente de Lisboa, Centeno Nobre & C^a Lda, António Godinho referia: "...participo a V^a Ex^a que desde hoje começo a assinar por António dos Santos Fino, já que por alcunha me chamam o Fino"...

Em 1918, após a morte prematura de António dos Santos Fino, vítima da pneumónica que dizimou muitos portugueses, a pequena fábrica passou a designar-se Viúva Fino e filhos Lda. Da produção continuavam a fazer parte o fabrico de Xailes de mulher vendidos nas feiras da região por preços que variavam, em 1924, por exemplo,

entre os 720 réis, para os xailes de fantasia e carapinha de cor, 800 réis, para os xailes sarjados e 950 réis para xailes de carapinha preta. Era frequente o jovem Vitorino, filho do falecido e neto de José Duarte Moreira, acompanhar familiares às feiras para comprar lã que posteriormente seria transformada em xailes.





A terceira geração - O tifo vitimou, em 1941, a Viúva Fino e o único filho varão, Vitorino Fino (figura 3), na época trabalhador na corporação de lanifícios em Lisboa, por influência familiar, e estudante de farmácia na capital, não por manifesta vocação, mas influenciado por uma rapariga de belos dotes corporais, no acto da matrícula, assume as rédeas do negócio de uma pequena oficina que não teria mais que 6 teares de madeira. O V de viúva Fino, manter-se-á como V de Vitorino Fino.

Curiosamente, a Segunda Guerra Mundial, dramática para a humanidade, constituiu para esta pequena fábrica do Avelar um período de prosperidade e viabilidade futura, tal a procura que

havia de mantas e cobertores, sobretudo para os Estados Unidos da América. A procura era tanta que chegava a haver, segundo palavras do seu proprietário, subornos para se conseguirem arranjar os produtos. Desta forma, esta fábrica da região obteve uma participação lucrativa no esforço de guerra aliado! A par das mantas, os xailes continuaram a ser um produto de eleição da V. Fino, vendidos para toda a região centro. O gosto adquirido em relação ao sector têxtil e os proventos financeiros fruto das muitas encomendas decorrentes da guerra, permitiram a expansão da actividade e a introdução de nova tecnologia, nomeadamente dos primeiros teares de ferro.

Os anos 60 marcaram a consolidação desta fábrica familiar que não abdicava de presenças regulares em grandes exposições internacionais ligadas ao sector têxtil, onde o empresário mantinha contacto com as novidades tecnológicas, com as novas técnicas de fabrico e gestão e também com possíveis clientes.

Em 1974 a instabilidade laboral resumiu-se somente a uma greve e os anos 80 foram um período de grande dinamismo e prosperidade para o empresário e para os funcionários, " comemoravam-se os bons resultados anuais com um jantar festivo sendo distribuído aos funcionários mais um vencimento".

Hoje, à porta do centenário, a quarta geração continua ligada à actividade num cenário de moderna tecnologia, novos métodos de gestão, maior dimensão mas também maior concorrência à escala global que torna o futuro difícil mas possível.



Sede: Seiceira, 47 - 3250 - 167 Alvaiázere
Telefones: 236655364 / 939314417
e-mail: albaiaz@sapo.pt
www.al-baiaz.web.pt

